

Palmas harmônica: um trabalho pelo fim da violência contra a mulher

Este documento tem por objetivo apresentar um relatório dos atendimentos realizados à mulher em situação de violência, através dos serviços disponibilizados pela prefeitura de Palmas, durante o primeiro semestre de 2014.

A política municipal para as mulheres em situação de violência busca assegurar um atendimento especializado e individualizado. No caso das mulheres que necessitam de abrigo, o serviço ocorre de forma sigilosa, uma vez que elas estão sob grave ameaça de morte. Nossa meta é ampliar o serviço e melhorar ainda mais o atendimento para assegurar às mulheres e às crianças o direito de ter uma vida sem violência.

Em suma, acolher, orientar e direcionar as mulheres à uma vida saudável em todos os aspectos é nosso principal objetivo.

Gleidy Braga

Superintendente de Políticas Públicas para as Mulheres, Direitos Humanos e Equidade

Centro de Referência Flor de Lis de Atendimento à Mulher em Situação de Violência

Criado em 2006, o Centro de Referência Flor de Lis é um serviço mantido pela Prefeitura de Palmas para atender mulheres em situação de violência, oferecer orientação e acolhimento em casos específicos. Busca condições para que a mulher tenha condições de romper o ciclo da violência.

Em articulação com a rede de atendimento, recebe, principalmente, mulheres encaminhadas pelas Delegacias da Mulher. Conta com uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de advocacia, psicologia e assistência social para atender e orientar as pessoas atendidas pelo serviço.

O centro está localizado no Parque Cesamar, na sede da SUMUDHE e funciona de segunda a sexta-feira, das 8 às 12h e das 14h às 18h. Interessados podem ligar no 2111 2820.

Casa Abrigo

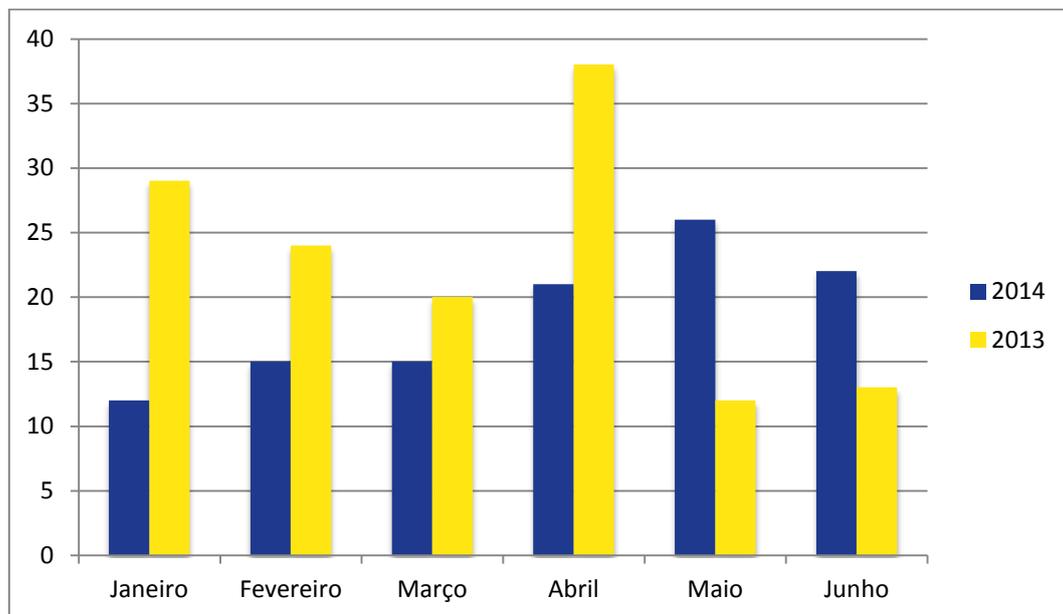
A Casa Abrigo de Atendimento à Mulher em Situação de Violência é um serviço de destaque desenvolvido pela Prefeitura de Palmas que oferta atendimento à mulher em situação de violência ou ameaça, que esteja enfrentando risco iminente de morte.

Mães, filhas e filhos ficam abrigados até poderem direcionar suas decisões para o retorno ao convívio social.

Vítimas de violência recebem atendimento psicológico, social e jurídico

De janeiro à junho de 2014, foi realizado um total de 111 atendimentos através dos serviços da Prefeitura de Palmas. Em números absolutos, 33 mulheres passaram pela Prefeitura em busca destes serviços.

A diferença dos números se deve à necessidade de atendimento contínuo até a resolução do caso, além da consultoria com os distintos profissionais. Através da articulação da Rede de Atendimento, foi possível oferecer maior agilidade aos processos encaminhando devidamente a vítima, sem que se perca tempo.



Dos 111 atendimentos, 13 foram realizados pela equipe da Casa Abrigo, acionada pelo IML ou Delegacia de Polícia, aos finais de semana. O restante, 98, foi realizado pelos profissionais de psicologia, assistência social e advocacia, disponibilizados pelo Centro de Referência Flor de Lis. O atendimento psicológico representou a maior parte dos registros, com 54% do total, enquanto o atendimento social obteve 26% e o jurídico 20%.

Como a demanda é espontânea, a prefeitura é encarregada pela resolução somente após procura da vítima. Muitas mulheres permanecem comparecendo ao Centro de Referência para dar continuidade aos atendimentos, mesmo depois da ocorrência, para receber apoio e orientações.

Violência Moral representa quase metade dos registros



Dados dos atendimentos mostram que a violência Moral é a mais recorrente, presente em 48% dos registros de atendimentos, seguidos da violência psicológica, com 29%, violência física, 15%, e sexual, 3%. Outros tipos de violência reunidos, representam 5% dos registros. Na grande maioria dos casos, é possível perceber a ocorrência de dois ou mais tipos de violência ao mesmo tempo. Frequentemente relata-se ciúmes exagerados e sem fundamentos por parte do denunciado.

*Tipos de Violência Doméstica e Familiar
Lei 11.340/06*

<p>VIOLENCIA FÍSICA</p> <p>Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal</p>	<p>VIOLENCIA MORAL</p> <p>Entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria</p>	<p>VIOLENCIA PATRIMONIAL</p> <p>Reter, subtrair, destruir parcial ou totalmente objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos</p>	<p>VIOLENCIA SEXUAL</p> <p>Conduta que a force a presenciar, manter ou participar de relação sexual indesejada; que impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que force ao matrimônio, gravidez, aborto ou prostituição; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos</p>	<p>VIOLENCIA PSICOLÓGICA</p> <p>Conduta que cause dano emocional e diminuição da auto-estima, que vise degradar ou controlar ações e comportamentos, mediante ameaça, humilhação, manipulação, isolamento, perseguição entre outros</p>
--	--	--	--	--

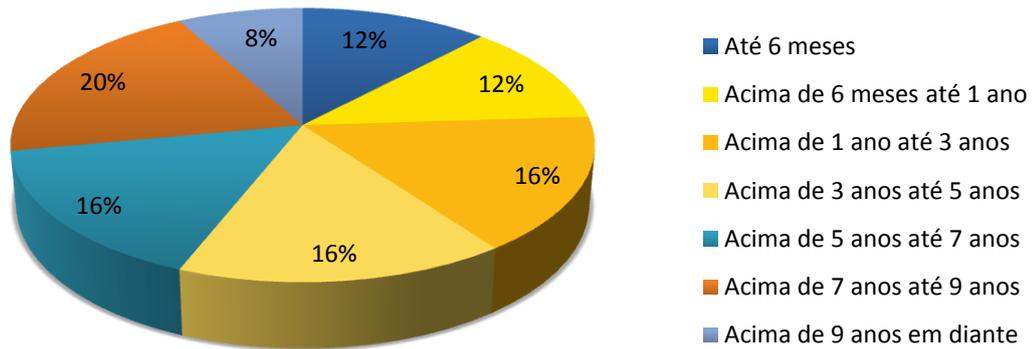
As agressões são provocadas principalmente pelos companheiros



Segundo relatos, mais da metade dos denunciados por cometer a violência contra a mulher são seus próprios conviventes (maridos e companheiros em união estável), que reunidos, atingem o índice de 62%. Nestes casos, a vítima divide a casa com agressor, o que facilita a ocorrência dos atos. Quando acrescentados os vínculos afetivos anteriores, o percentual sobe para 86%, sendo o restante, 14%, referente à pessoas com relação próxima (familiares, parentes etc.). Durante este semestre, não houve relato de violência cometida por namorados.

Ainda de acordo com os relatórios de atendimentos da Prefeitura, o tempo de relacionamento é variado, desde os mais recentes até aqueles superiores a 10 anos aparecem na relação, com pequena variação entre menor e maior tempo.

Tempo de relacionamento

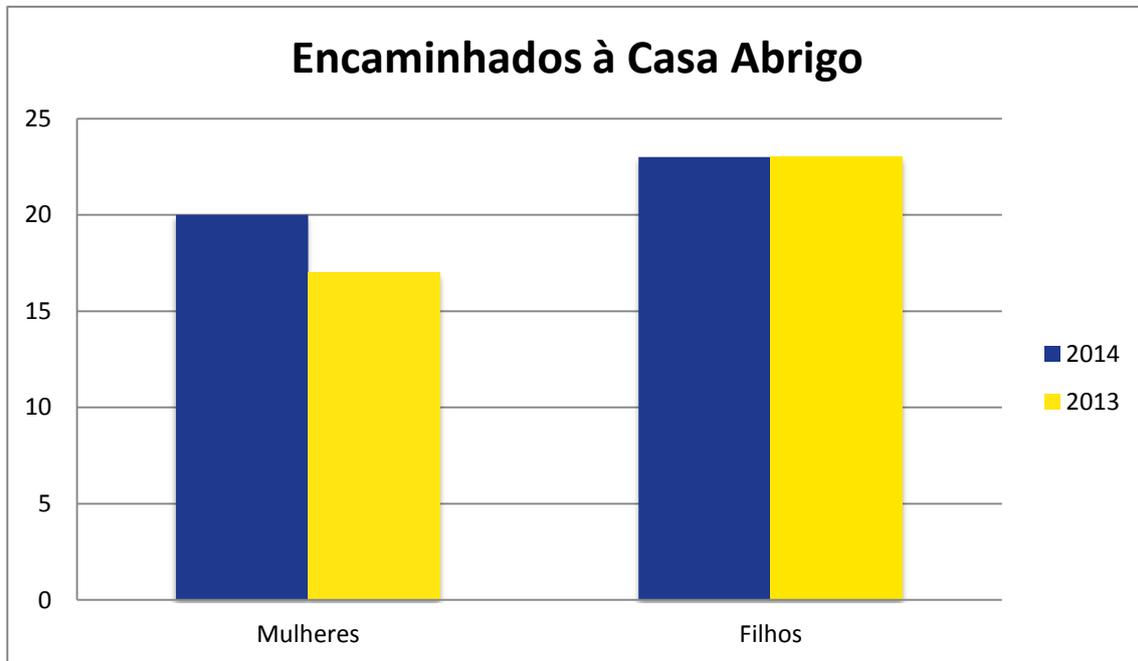


Em relação à reincidência, em 25% dos casos, a vítima já havia registrado pelo menos um outro Boletim de Ocorrência contra o denunciado e em aproximadamente 66%, a violência era recorrente.

Mães e filhos são retirados de suas rotinas

Durante o primeiro semestre de 2014, 20 mulheres foram encaminhadas para a Casa Abrigo, abandonando temporariamente família, amigos e emprego, tendo suas rotinas alteradas em decorrência da violência sofrida. Com risco eminente de nova agressão e/ou morte, a grande maioria das mulheres que enfrentavam situações mais graves eram mães. No mês mais populoso, a Casa chegou a abrigar 4 mulheres e 8 crianças.

Se comparado ao mesmo período do ano anterior, houve um aumento do número de mulheres abrigadas, a quantidade de filhos e filhas permaneceu a mesma, 23 crianças.



Deste total de 20 mulheres, 17 foram desligadas do abrigo até o final de junho, nove com medida protetiva e oito sem a medida. Com medo de nova agressão, cinco delas foram encaminhadas a outros municípios, a pedido.